

Qualidade e Políticas Públicas na Educação 7

Marcia Aparecida Alferes
(Organizadora)



Atena
Editora

Ano 2018

Marcia Aparecida Alferes
(Organizadora)

Qualidade e Políticas Públicas na Educação

7

Atena Editora
2018

2018 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Natália Sandrini

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

Q1 Qualidade e políticas públicas na educação 7 / Organizadora Marcia Aparecida Alferes. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2018. – (Qualidade e Políticas Públicas na Educação; v. 7)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-014-8

DOI 10.22533/at.ed.148181912

1. Educação e estado. 2. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. 3. Prática pedagógica. 4. Professores – Formação.
I. Alferes, Marcia Aparecida. II. Série.

CDD 379.81

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2018

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

No âmbito da presente obra é relevante destacar que a preocupação com a formação de professores é antiga. E que a concepção e as finalidades da formação continuada de professores no Brasil foram mudando ao longo do tempo.

É pertinente afirmar que as políticas educacionais voltadas à formação continuada de professores, são fundamentais e possuem um potencial significativo quando se trata da promoção da melhoria da qualidade da aprendizagem dos alunos.

Deste modo, os artigos deste volume no geral apresentam alguns aspectos legais advindos da Constituição Federal de 1988, da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996, do Plano Nacional de Educação, da Resolução CNE/CP n.º 01/2002 que institui as Diretrizes Nacionais para a formação de professores e Portaria Ministerial n.º 1.403/2003 que cria a Rede Nacional de Formação Continuada de Professores de Educação Básica.

Na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394/96 (a mais utilizada nos artigos) os artigos 61, 62, 63, 64, 65 e 66 tratam da formação dos profissionais da educação e o artigo 67 sobre a sua valorização.

Os saberes do professor também é um tema abordado e de todos os saberes, o saber da experiência se destaca, uma vez que ele é aprendido na prática, na vivência reflexiva do trabalho cotidiano e nos embates com os problemas vividos nos processos das práticas refletidas. Esse conhecimento é unido à ação didática, é prática e teoria ao mesmo tempo. É o que define o professor como autor da sua prática, mediada pelas relações com seus educandos, constrói saberes e redimensiona a teoria.

Marcia Aparecida Alferes

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO NA FORMAÇÃO DOCENTE	
<i>Flaviani Souto Bolzan Medeiros</i>	
<i>Jaqueline Sabrini Carvalho Cunha</i>	
<i>Andreia Ines Dillenbourg</i>	
DOI 10.22533/at.ed.1481819121	
CAPÍTULO 2	18
A FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES EM AMBIENTE DE CIBERCULTURA E SUAS DEMANDAS PARA AS POLÍTICAS PÚBLICAS	
<i>Valter Pedro Batista</i>	
<i>Lucila Pesce</i>	
DOI 10.22533/at.ed.1481819122	
CAPÍTULO 3	32
A FORMAÇÃO DOCENTE E O PAPEL DA TECNOLOGIA NA CONSTRUÇÃO DOS SABERES DOCENTES	
<i>Rosely Cândida Sobral</i>	
<i>Denise Rosana da Silva Moraes</i>	
<i>Tamara Cardoso André</i>	
DOI 10.22533/at.ed.1481819123	
CAPÍTULO 4	41
A FORMAÇÃO PEDAGÓGICA DOS FORMADORES E O CURRÍCULO DAS LICENCIATURAS PARA A QUALIDADE DA EDUCAÇÃO BÁSICA	
<i>Maria Célia Borges</i>	
<i>Leonice Matilde Richter</i>	
DOI 10.22533/at.ed.1481819124	
CAPÍTULO 5	56
A FORMAÇÃO CONTINUADA DOS PROFISSIONAIS DA ESCOLA E O TRABALHO COM QUESTÕES MORAIS	
<i>Izabella Alvarenga Silva</i>	
<i>Raul Aragão Martins</i>	
<i>Luciana Aparecida Nogueira da Cruz</i>	
DOI 10.22533/at.ed.1481819125	
CAPÍTULO 6	64
A RELAÇÃO ENTRE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E O ENSINO DE LEITURA E ESCRITA PARA ALUNOS COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL	
<i>Miryan Cristina Buzetti</i>	
<i>Maria Piedade R. da Costa</i>	
DOI 10.22533/at.ed.1481819126	
CAPÍTULO 7	72
ABORDAGEM TEMÁTICA: REFLEXÕES SOBRE A FORMAÇÃO INICIAL DOS PROFESSORES DE CIÊNCIA DA NATUREZA A PARTIR DA EPISTEMOLOGIA BACHELARDIANA	
<i>Marinês Verônica Ferreira</i>	
<i>Cristiane Muenchen</i>	
<i>Carlos Alberto Marques</i>	
DOI 10.22533/at.ed.1481819127	

CAPÍTULO 8	82
COACHING EDUCACIONAL: POSSIBILIDADES DE APLICAÇÃO NA GESTÃO ESCOLAR	
<i>Andressa Savoldi de Melo</i>	
DOI 10.22533/at.ed.1481819128	
CAPÍTULO 9	101
COORDENADOR PEDAGÓGICO DA ESCOLA: ATRIBUIÇÕES E DESAFIOS	
<i>Antonio Nilson Gomes Moreira</i>	
<i>Gláucia Mirian de Oliveira Souza Barbosa</i>	
<i>Ana Lúcia Lopes do Carmo</i>	
DOI 10.22533/at.ed.1481819129	
CAPÍTULO 10	115
DILEMAS E PERSPECTIVAS DA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE CRIANÇAS PEQUENAS	
<i>Alice de Paiva Macário</i>	
<i>Víviã Carvalho de Araújo</i>	
DOI 10.22533/at.ed.14818191210	
CAPÍTULO 11	126
DIVERSIDADE, ENSINO DE GEOGRAFIA E FORMAÇÃO DE PROFESSORES	
<i>Hyago Ernane Gonçalves Squiave</i>	
<i>Priscila Braga Paiva</i>	
DOI 10.22533/at.ed.14818191211	
CAPÍTULO 12	134
FORMAÇÃO CONTÍNUA NA PERSPECTIVA DE APRENDIZADO COLABORATIVO PARA PROFESSORES ALFABETIZADORES	
<i>Ivana Ferreira dos Santos</i>	
<i>Cecília Vicente de Sousa Figueira</i>	
<i>Fernanda Barros Ataiades</i>	
<i>Anair Araújo de Freitas Silva</i>	
<i>Érica Giarretta Biase</i>	
DOI 10.22533/at.ed.14818191212	
CAPÍTULO 13	144
FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE CIÊNCIAS NATURAIS NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA: O CASO DA CIDADE DE MARABÁ(PA)	
<i>Airton dos Reis Pereira</i>	
<i>Marinalda Gomes Apinagés</i>	
<i>Maria José Costa Faria</i>	
<i>Rayda Matias Lima</i>	
<i>Vanda Coelho Rêgo</i>	
DOI 10.22533/at.ed.14818191213	
CAPÍTULO 14	152
FORMAÇÃO DE PROFESSORES NO ESTADO CAPITALISTA: VALORIZAÇÃO E OU PRECARIZAÇÃO?	
<i>Raimunda Maria da Cunha Ribeiro</i>	
DOI 10.22533/at.ed.14818191214	

CAPÍTULO 15	167
FORMAÇÃO DOCENTE: HÁ POSSIBILIDADES PARA ALÉM DO INSTITUÍDO?	
<i>Maurício Fagundes</i>	
<i>Silvana Hoeller</i>	
DOI 10.22533/at.ed.14818191215	
CAPÍTULO 16	176
LEIO QUANDO POSSO - PRÁTICAS DE LEITURA ENTRE FUTUROS PEDAGOGOS	
<i>Ezequiel Theodoro da Silva</i>	
<i>Ludimar Pegoraro</i>	
<i>Mariangela Kraemer Lenz Ziede</i>	
DOI 10.22533/at.ed.14818191216	
CAPÍTULO 17	192
NARRATIVAS (AUTO)BIOGRÁFICAS COMO PRODUTORAS DE SENTIDOS E SIGNIFICADOS NA FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA	
<i>Marcelo Silva da Silva</i>	
DOI 10.22533/at.ed.14818191217	
CAPÍTULO 18	202
O PIBID ENQUANTO POLÍTICA PÚBLICA DA EDUCAÇÃO E SEUS IMPACTOS PARA A FORMAÇÃO/ATUAÇÃO PROFISSIONAL DE PROFESSORES INICIANTES	
<i>Ray-Ila Walleska Santos Ferreira Gouveia</i>	
<i>Maria Joselma do Nascimento Franco</i>	
DOI 10.22533/at.ed.14818191218	
CAPÍTULO 19	213
O QUE DIZEM AS PESQUISAS ACADÊMICAS SOBRE A FORMAÇÃO DAS (OS) DOCENTES DA CRECHE?	
<i>Patrícia Maria Reis Cestaro</i>	
<i>Núbia Schaper Santos</i>	
DOI 10.22533/at.ed.14818191219	
CAPÍTULO 20	225
O SISTEMA DE AVALIAÇÃO DO RENDIMENTO ESCOLAR DO ESTADO DE SÃO PAULO – SARESP, COMO INDICATIVO DAS LACUNAS NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO EM UMA ESCOLA PARTICULAR*	
<i>Karina Machado</i>	
<i>Maria Iolanda Monteiro</i>	
DOI 10.22533/at.ed.14818191220	
CAPÍTULO 21	234
POTENCIALIDADES DA EXTENSÃO UNIVERITÁRIA COMO PARTE DA FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES DE GEOGRAFIA: UM ESTUDO DE CASO DA UNESP RIO CLARO E O PEJA	
<i>André Luís Messetti Christofolletti</i>	
<i>Flávia Priscila Ventura</i>	
DOI 10.22533/at.ed.14818191221	
CAPÍTULO 22	242
RANÇOS E AVANÇOS SOBRE GÊNERO E SEXUALIDADE NA EDUCAÇÃO DE SURDOS: DESVELANDO O IMAGINÁRIO SOCIAL DOCENTE	
<i>Márcia Beatriz Cerutti Müller</i>	
<i>Denise Regina Quaresma da Silva</i>	
<i>Zuleika Leonora Schmidt Costa</i>	
DOI 10.22533/at.ed.14818191222	

CAPÍTULO 23	255
REFLEXÕES SOBRE A FORMAÇÃO PROFISSIONAL A PARTIR DO DESENVOLVIMENTO DE UM PROJETO DE FORMAÇÃO CONTINUADA PARA O ENSINO E APRENDIZADO DA DANÇA NO CONTEXTO ESCOLAR	
<i>Kathya Maria Ayres de Godoy</i> <i>Ivo Ribeiro de Sá</i>	
DOI 10.22533/at.ed.14818191223	
CAPÍTULO 24	268
RELAÇÕES SOCIOPROFISSIONAIS NO CONTEXTO ESCOLAR: SUA COMPREENSÃO PARA EMBASAR PROJETOS DE FORMAÇÃO CONTINUADA PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA	
<i>Laurinda Ramalho de Almeida</i> <i>Adriana Teixeira Reis</i> <i>Jeanny Meiry Sombra Silva</i> <i>Luana de André Sant'Ana</i>	
DOI 10.22533/at.ed.14818191224	
CAPÍTULO 25	275
SOBRE O PROCESSO HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO NO BRASIL: UM OLHAR PARA A FORMAÇÃO DE PROFESSORES E A CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE DOCENTE AUTÔNOMA	
<i>Augusta Teresa Barbosa Severino,</i> <i>Renata Cristina Geromel Meneghetti</i>	
DOI 10.22533/at.ed.14818191225	
CAPÍTULO 26	286
A SINTONIA ENTRE AS DIMENSÕES PRESENCIAL E VIRTUAL NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DO ENSINO SUPERIOR: ANÁLISE DE UMA EXPERÊNCIA INOVADORA	
<i>Luiza Alves Ferreira Portes</i> <i>Luzia Cristina Nogueira de Araujo</i>	
DOI 10.22533/at.ed.14818191226	
SOBRE A ORGANIZADORA	297

A EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO NA FORMAÇÃO DOCENTE

Flaviani Souto Bolzan Medeiros

Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

E-mail: flaviani.13@gmail.com

Jaqueline Sabrini Carvalho Cunha

Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

E-mail: jaqueline.sabrini@hotmail.com

Andreia Ines Dillenburg

Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

E-mail: andreia.ines.d@gmail.com

RESUMO: Nos dias atuais, para se ter uma educação de qualidade, inúmeros elementos estão envolvidos e interligados, entre eles, a educação profissional, a formação dos professores, as políticas públicas e a participação efetiva de toda a comunidade escolar por meio de uma gestão compartilhada. Nesse contexto, a formação docente torna-se muito importante, já que refletirá diretamente no aprendizado do aluno. Aqui, ela será objeto de um breve estudo, cujo objetivo central é descrever as experiências docentes proporcionadas pelo Estágio Supervisionado III, do Programa Especial de Graduação de Formação de Professores para a Educação Profissional, da Universidade Federal de Santa Maria, dentro e fora da sala de aula. Para isso, adotou-se uma pesquisa qualitativa, que teve como plano de coleta dos dados o relato de experiência. Entre os resultados, a experiência relatada reforça

o quanto, de fato, o professor na medida em que ensina, também aprende com seus alunos, no dia a dia da profissão, no contato direto e convívio diário. Além disso, verificou-se como é importante para o estudante que o docente planeje suas aulas e oportunize momentos que valorizem o conhecimento prévio do discente sobre os temas/conteúdos a serem abordados em sala de aula.

PALAVRAS-CHAVE: Estágio. Experiência docente. Formação de professores.

ABSTRACT: Nowadays, in order to have a quality education, numerous elements are involved and interlinked, among them, professional education, teacher training, public policies and the effective participation of the whole school community, through shared management. In this context, teacher training becomes very important, since it will directly reflect student learning. Here, it will be object of a brief study, whose main objective is to describe the teaching experiences provided by the Supervised Internship III, of the Special Program of Graduation of Teacher Education for Professional Education, Federal University of Santa Maria, inside and outside the room of class. For this, a qualitative research was adopted, which had as data collection plan the experience report. Among the results, the experience reported reinforces how much, in fact, the teacher as he teaches, also learns with

his students, in the day to day of the profession, in direct contact and daily living. In addition, it was verified how important it is for the student that the teacher plan their classes and to provide opportunities that value the student's previous knowledge about the subjects / contents to be addressed in the classroom.

KEYWORDS: Internship. Teaching experience. Teacher formation.

1 | INTRODUÇÃO

A educação de qualidade mostra-se como fator crucial para o desenvolvimento socioeconômico. Através dela é possível superar desigualdades, oferecer melhor qualidade de vida para a população e garantir avanços tecnológicos (MORAN, 2007). Educar não é tarefa fácil, vai além do conteúdo científico, e para esta atividade é fundamental que se tenha uma boa formação para os docentes. Moran (2007) afirma, ainda, que não basta inserir o aluno na escola, é necessário oferecer-lhe uma educação estimulante, dinâmica e eficiente. Neste ponto, é decisivo o papel do professor, que é responsável por mediar os conhecimentos da forma mais apropriada.

Importante destacar que para desempenhar de maneira adequada determinada profissão seria necessário adquirir um aprendizado de como executar as atribuições da mesma. No caso dos professores, não seria diferente, pois, a docência também exige prática. Os currículos dos cursos de licenciatura necessitam prever momentos que consigam aliar a teoria com a prática, para que o futuro docente possa ampliar seu processo formativo. Em busca disso, os cursos de formação de professores possuem disciplinas de estágio supervisionado, onde é possível praticar a futura profissão através da teoria aprendida e das boas técnicas observadas (PIMENTA; LIMA, 2006).

No ano de 2015, o Ministério da Educação, por meio da resolução nº 2, de 1º de julho de 2015, a qual define as diretrizes curriculares nacionais para a formação inicial em nível superior, instituiu no Art. 13, parágrafo 6º, que “o estágio curricular supervisionado é componente obrigatório da organização curricular das licenciaturas, sendo uma atividade específica intrinsecamente articulada com a prática e com as demais atividades de trabalho acadêmico” (BRASIL, 2015 s/p.) Os estágios possibilitam enriquecer a formação dos discentes nos cursos de licenciatura, cursos de formação pedagógica para graduados e cursos de segunda licenciatura.

Hoje em dia, é amplamente difundida a ideia de que a escola não é uma estrutura alheia a tudo e a todos. Muito pelo contrário, sua cultura é fortemente influenciada pelas experiências e interações sociais das pessoas que a compõem (LIBÂNEO, 2004). Tendo em vista que a cultura escolar é formada por seus próprios membros, cabe ao professor o desafio de adaptar seus métodos de ensino de acordo com o ambiente escolar em que está inserido. Para que isso possa acontecer, uma boa preparação do docente antes de entrar em sala de aula mostra-se de extrema importância. Pensar em formação de qualidade é uma necessidade dos sistemas educacionais, para além

da diplomação, há uma necessidade latente de repensar as práticas dos espaços formativos.

Além disso, é necessário que o professor compreenda que não é possível apenas “copiar” um método de ensino, pois, a docência não é formada por receitas prontas. A própria escola passou por mudanças com o passar do tempo, então, métodos utilizados há anos atrás, talvez não se adequem ao atual cenário e público. Desta forma, o docente precisa estar atento à maneira como seus alunos aprendem, preocupando-se com a qualidade e eficiência de suas aulas (PIMENTA; LIMA, 2006). Precisa-se compreender também que o docente não é o único responsável pela qualidade do ensino. A educação necessita de políticas públicas de longo prazo e programas de governo comprometidos com a sua qualidade. A complexidade de elementos não retira o lugar de mediação da construção do saber entre estudante e conteúdo, mas, apresenta os outros atores que precisam estar presentes neste espaço, como políticas públicas e condições de trabalho que possibilitem aperfeiçoamento, reflexão e acompanhamento.

De acordo com Pimenta e Ghedin (2002), seria interessante que o professor fosse reflexivo, sendo capaz de pensar, analisar, questionar a sua prática, agir com criatividade, não sendo apenas um reproduzidor de ideias e práticas alheias. A autonomia, inteligência, flexibilidade e busca por uma boa construção de conhecimentos também devem ser prezadas pelo docente. Este movimento de questionar a própria prática necessita iniciar no processo formativo, com a mediação dos orientadores de estágio e a implementação de espaços para estudo e discussão.

O presente estudo busca contribuir para o desenvolvimento deste tema, apresentando um relato das experiências vivenciadas durante a disciplina de Estágio Supervisionado, no curso de Programa Especial de Graduação de Formação de Professores para a Educação Profissional, da Universidade Federal de Santa Maria. Para isso, tem-se como objetivo central descrever as experiências docentes proporcionadas pelo Estágio Supervisionado III dentro e fora da sala de aula. Em termos de organização, este relato apresenta além deste tópico introdutório, na sequência, segue o referencial teórico que embasou o estudo. Logo após, constam os procedimentos metodológicos adotados. Em seguida, há a exposição dos resultados e discussão dos mesmos e encerra-se com as considerações finais.

2 | REFERENCIAL TEÓRICO

Este tópico contempla uma breve discussão acerca do alinhamento entre teoria e prática e o planejamento das aulas, como também, a questão do professor da educação profissional e tecnológica e a formação continuada, bem como a formação de professores e o Programa Especial de Graduação de Formação de Professores para a Educação Profissional.

2.1 Alinhamento entre teoria e prática e o planejamento das aulas

As indagações entre a teoria e a prática são muito comuns no meio acadêmico, por vezes, surgem polêmicas sobre sua efetividade. Não raras vezes algumas indagações como “na prática a teoria é outra” são apresentadas. Contudo, no processo formativo de estudantes de cursos de graduação, estas relações necessitam ser apresentadas para que o mesmo consiga compreender o local do conhecimento científico na prática. Piconez (2015) afirma que a relação entre teoria e prática apresenta importante significado na formação docente. Para o planejamento das atividades docentes, torna-se fundamental a compreensão de conhecimentos relacionados ao processo de aprendizagem e desenvolvimento humano, metodologias de aprendizagem e os conceitos científicos da própria área do conhecimento.

Para que o professor possa atingir com êxito seu objetivo de ensinar, é necessário que durante sua formação sejam realizadas atividades que lhe mostrem situações práticas. Desta forma, é importante que o futuro professor perceba que teoria e prática se relacionam e não podem ser tratadas isoladamente. As disciplinas de Estágio Supervisionado tentam fortalecer este vínculo entre as teorias estudadas e a prática docente. Além disso, proporcionam uma aproximação com a realidade da escola (PICONEZ, 2015).

Nessa mesma perspectiva, Guedes (2009) enfatiza que a teoria não está desvinculada da prática e vice-versa, à medida que para ensinar o docente realiza as conexões necessárias para desenvolver os conceitos. Nesse sentido, o Estágio Supervisionado tem a importante função de não apenas levar a teoria ao campo da prática, mas também compreendê-la e reelaborá-la, pensando na realidade vivenciada pelo futuro professor.

Sendo assim, para que aja um bom andamento das atividades realizadas no Estágio Supervisionado, é preciso planejamento. Neste momento, a elaboração de Planos de Aulas, com objetivos de aprendizagem e estratégias metodológicas consistentes é fundamental. De acordo com Piletti (2001), o plano de aula é um instrumento onde o professor organiza as ações que serão desenvolvidas em um dia letivo. Desta forma, é feita uma sistematização das atividades que serão propostas no encontro entre aluno e professor. Fusari (2008) salienta que, além das dificuldades enfrentadas pelos educadores no dia a dia da escola, a falta de planejamento do ensino também é um fator que tem contribuído para uma baixa qualidade da educação. Muitos professores utilizam-se de infundáveis improvisações em suas aulas, causando um prejuízo no aprendizado de seus alunos.

Durante o Estágio Supervisionado, é importante que o professor crie o hábito de planejar suas aulas e que consiga compreender a relação das estratégias metodológicas aplicadas com o processo de aprendizagem do grupo onde o mesmo será aplicado. Neste momento, é necessário que o docente compreenda que o plano de aula não é

um instrumento meramente burocrático, pois, a ferramenta se propõem a auxiliá-lo no cumprimento de seus objetivos pedagógicos.

O professor precisa se questionar sobre o tipo de cidadão que quer formar, não podendo, então, estar alheio a sociedade em que está inserido (CASTRO; TUCUNDUVA; ARNS, 2008). Além disso, Castro, Tucunduva e Arns (2008) citam ainda alguns pontos que devem estar presentes no plano de aula, tais como: objetivo do encontro, relação de conteúdos que serão trabalhados, características dos estudantes do grupo de trabalho, tempo e recursos disponíveis e quais métodos de ensino serão utilizados e formas de avaliação.

2.2 O professor da educação profissional e tecnológica e a formação continuada

Acerca do processo de ensino na educação profissional e tecnológica, pode-se dizer que algumas generalizações podem atrapalhar a qualidade formativa. Muitos discursos apresentam esta modalidade de educação como a que “aprende a fazer”, retirando alguns elementos como criticidade e aprofundamento teórico sobre os conteúdos. Contudo, esta é uma questão que deve ser tratada com cuidado, pois, o aluno não deve ser visto como um mero executor de tarefas, mas sim, como um ser pensante e capaz de contribuir com a solução de problemas da sociedade. Neste ponto, o professor assume o importante papel de instigar o aluno a buscar conhecimentos aprofundados, sendo capaz, inclusive, de analisar a sociedade onde vive e propor mudanças.

Gariglio e Burnier (2014) afirmam que, durante muito tempo, acreditou-se que as habilidades de um professor eram advindas apenas do seu talento pessoal, seu bom senso, sua intuição, suas experiências e cultura. Essas ideias, porém, acabam prejudicando a profissionalização do ensino. No ensino técnico e profissionalizante, por exemplo, é comum que seja preferível que o professor seja detentor dos conhecimentos técnicos na área relacionada às disciplinas que irá ministrar, do que dos conhecimentos pedagógicos necessários para exercer o magistério.

Isso ocasiona, infelizmente, a não percepção do professor de nível técnico e profissionalizante como profissional da educação, o que demonstra, mais uma vez, a importância de aliar as teorias educacionais e a realidade prática das escolas. A falta de pesquisas focadas na educação profissional também fortalece a ideia de que os professores deste nível de ensino não pertencem à área da educação, cabendo a eles apenas dominar os conhecimentos oriundos de sua área de formação (GARIGLIO; BURNIER, 2014).

Na atualidade, compreende-se a relevância da formação continuada de docentes, associada a outros fatores como valorização do trabalho docente e infraestrutura física e pedagógica adequadas, que corroboram com melhores índices de aprendizado do aluno. Entretanto, para que isso aconteça, a formação continuada deve ser discutida, e de fato implantada de forma consciente e aprofundada, como uma proposta com foco

em resultados. Tanto no âmbito público, quanto no privado, a formação continuada precisa ser vista como algo realmente relevante para a educação, e não apenas como uma meta a ser atingida a todo custo.

O que se vê, muitas vezes, são inúmeros professores que tem uma sobrecarga de trabalho, uma jornada exaustiva, e isso inviabiliza qualquer motivação para buscar qualificação profissional. Às vezes, ocorre também, que o fato de o docente se qualificar não fará diferença alguma em termos financeiros ou de plano de carreira daquela instituição. Por isso, é necessário discutir com a sociedade e com todos os envolvidos, formas de oferecer condições adequadas de o professor buscar uma formação continuada, já que, sem dúvidas, isso só trará benefícios a seus alunos.

A educação profissional, em todas as suas modalidades, oferece oportunidades para que o aluno, além de aprender o conteúdo científico, também consiga ver na prática o que está sendo aprendido. Aliar satisfatoriamente a teoria e a prática, ainda é algo que parece distante de nossa realidade, e isso precisa ser mudado. As instituições necessitam de espaços e investimentos para que laboratórios e parcerias possam ser estabelecidos. Nota-se que muitos acadêmicos, logo após concluir o curso profissionalizante, conseguem encaminhamento para o mercado de trabalho, o que fortalece a necessidade de o mesmo ter domínio das práticas que envolvem sua nova profissão.

2.3 A formação de professores e o Programa Especial de Graduação de Formação de Professores para a Educação Profissional

O mundo e as pessoas estão em constante transformação e a simples constatação da velocidade com que as mudanças ocorrem nos revela uma nova sociedade, uma outra realidade. Neste cenário, também o perfil do docente necessita ser dinâmico, com capacidade para compreender as necessidades sociais em determinado contexto e momento histórico (LIMA, BARRETO; LIMA, 2007).

Dassoler e Lima (2012) consideram que o professor é aquele que tem habilidade de despertar nos indivíduos a capacidade de engajamento para a mudança, por isso, entendem que a formação do docente seja algo fundamental para a prática educativa. Na visão de Soares e Cunha (2010), a formação profissional do professor deve colocá-lo como ator/autor da sua própria trajetória de vida. O profissional que busca a formação tem conhecimento das suas necessidades e das do contexto onde atua e, também, se compromete de forma reflexiva, seja na transformação das práticas, seja na afirmação da profissionalidade docente.

Ademais, no conjunto de conhecimentos necessários para a prática da docência, o professor precisa levar em conta o contexto institucional e sociocultural dos alunos, para compreender quem são e como eles aprendem (WIEBUSCH, 2016). Os saberes e as experiências dos docentes e discentes são diversos, por esta razão, o encontro precisa ser organizado pensando em como aproximar tais saberes e experiências, permitindo assim, a elaboração e a reelaboração de novos saberes.

O Programa Especial de Graduação de Formação de Professores para a Educação Profissional, conhecido como PEG, é ofertado pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), e segundo o Projeto Político Pedagógico (2017, p. 1), tem como objetivo “formar professores em nível superior para atuar no ensino, pesquisa, extensão na modalidade de Educação Profissional, capacitados para docência no ensino técnico de nível médio”.

Criado no ano de 2009, o PEG busca atender uma demanda existente na educação profissional que vinha arriscando-se a não mais expandir e, até mesmo, perder os cursos existentes. A formação de professores para esta modalidade de ensino vem, há anos, preocupando os gestores das instituições de ensino e, infelizmente, faltavam ações consistentes na política nacional. Neste contexto, e com o objetivo principal de formar profissionais, principalmente, para atuação na Educação Profissional Técnica de Nível Médio, surgiu o PEG.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Brasil, 1996), em seu art. 63, prevê a criação de programas de formação pedagógica para portadores de diploma de ensino superior. De acordo com o Projeto Político Pedagógico (2017) do Curso, o mesmo surgiu da necessidade de formar docentes capazes de suprir as demandas do ensino técnico, que forma para atuação no mercado de trabalho, e, conseqüentemente, contribui para a melhoria das condições de trabalho e de vida dos alunos.

O Programa de Formação de Professores, da UFSM, busca formar profissionais capacitados para atuar na docência de disciplinas técnicas da Educação Profissional, na Educação Básica (Educação Profissional Técnica de Nível Médio) e nas diferentes modalidades de ensino, seja em espaços escolares ou não escolares. Além disso, o programa também busca preparar seus alunos para atuação como professores pesquisadores da Educação Profissional, pois, é de grande importância que sejam realizados estudos sobre como se ensina e como se aprende um conteúdo da formação profissional (PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO, 2017).

Freire (2002) já destacava a importância de tornarmos democrático o ensino, evitando qualquer forma de discriminação ou preconceito, seja por motivos de raça, classe social ou gênero, por exemplo. Em vista disso, é exposto no Projeto Político Pedagógico (2017) do curso o compromisso de formar profissionais docentes capazes de promover uma aprendizagem que respeite a diversidade de pensamento, idade, sexo, cultura, crenças, etc. e seja capaz de estabelecer relações colaborativas que possibilitem um melhor desenvolvimento dos conteúdos abordados em sala de aula. Além disso, espera-se que os egressos do curso estejam aptos a aplicar as tecnologias de informação e da comunicação, além de outras metodologias e estratégias que propiciem um ambiente educacional inovador e ativo. Para além da adoção de novas alternativas, o docente necessita compreender o impacto e o objetivo do ato educativo. O estudante necessita ser estimulado ao pensamento crítico e reflexivo.

Outras competências que o Curso de Formação de Professores deseja desenvolver em seus alunos seriam: prática de atitudes pautadas em condutas éticas,

compromisso com a construção de uma sociedade justa e igualitária, preocupação com a qualidade do ensino e com a aprendizagem dos alunos e capacidade de apropriar-se de saberes pedagógicos necessários para a prática docente (PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO, 2017).

Para Silva (2009) não é por acaso que os professores no início da carreira dão novos significados a sua formação teórico-acadêmica ao estarem em sala de aula, atuando como professores. É nesta experiência que o aluno-mestre irá validar, negar, desenvolver e consolidar os saberes teóricos que serão transformados em experiências a partir da sua prática no ambiente escolar. Durante o processo de construção da identidade docente, a formação nesta modalidade de curso proporciona a compreensão de processos históricos, sociais e pedagógicos, que impactam diretamente na prática docente. Para além do que prevê a legislação vigente, as trocas interdisciplinares proporcionadas em aula, são capazes de ampliar as possibilidades e conhecimentos.

3 | PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Partindo do objetivo de descrever as experiências docentes adquiridas no ambiente de sala de aula, durante o Estágio Supervisionado III, adotou-se uma pesquisa qualitativa. Esse tipo de pesquisa privilegia a coleta de dados não quantitativos, em profundidade sobre determinado tema de interesse e procura, sem a intenção de fazer uso de procedimentos matemáticos para fins de análise dos resultados (PIZZINATTO; FARAH, 2012). Gonsalves (2011) acrescenta que a pesquisa qualitativa está preocupada em compreender e em interpretar o fenômeno objeto em análise.

Acerca do plano de coleta dos dados, o presente trabalho remete a dois relatos de experiência vivenciados por alunas matriculadas na disciplina de Estágio Supervisionado III, vinculadas ao Programa Especial de Graduação de Formação de Professores para a Educação Profissional, da UFSM. Cabe frisar que os estágios foram realizados em locais diferentes, ou seja, um deles ocorreu em uma unidade pública de Ensino Médio, Técnico e Tecnológico – no período de outubro a dezembro de 2016 – e o outro em uma instituição privada de cursos profissionalizantes livres, no período de setembro a dezembro de 2017.

No que se refere à Unidade de Ensino Médio, Técnico e Tecnológico, as aulas foram ministradas no Curso Técnico em Administração (noturno) situado no eixo tecnológico Gestão e Negócios, cuja modalidade sequencial é pós ensino médio, tendo como carga horária 840 horas. A disciplina escolhida para realização das atividades foi a de Gestão de Pessoas, que faz parte da grade do segundo semestre do referido curso e possui uma carga horária de 60 horas. A respeito da ementa, ao todo eram seis unidades, a saber: (1) a gestão de pessoas nas organizações; (2) suprimento; (3) treinamento e desenvolvimento; (4) avaliação de desempenho; (5) remuneração; e (6) aspectos comportamentais da gestão de pessoas.

A referida Escola está localizada na Região Central do Estado do Rio Grande do Sul e atua na Educação Profissional Técnica de Nível Médio, Educação Profissional Tecnológica de Graduação, Pós-Graduação, Formação Inicial e Continuada e na Educação Básica, onde situa-se o Ensino Médio, que obedece a uma organização curricular seriada anual. Pelos módulos e disciplinas oferecidas pelo curso, o aluno que procura o Técnico em Administração busca se qualificar para atender os diferentes tipos de organização, saber como realizar tarefas administrativas, além de adquirir conhecimentos sobre processos de produção, de materiais, e ainda, estar em conformidade com os princípios da gestão da qualidade no mercado. Ao todo, foram realizados seis encontros nas quartas-feiras das 19h às 23h, em uma turma composta por aproximadamente 30 discentes.

Já na instituição privada de ensino profissionalizante, as aulas foram ministradas no Curso Livre de Gestão Administrativa (noturno), também situado no eixo tecnológico Gestão e Negócios, cuja carga horária totaliza 80 horas. Assim como no relato anteriormente supracitado, o módulo do curso onde as atividades foram realizadas foi o de Gestão de Pessoas, cuja carga horária é de 20 horas. A referida Escola está localizada na Região Central do Estado do Rio Grande do Sul e atua na Educação Profissional, através de cursos livres. A turma, composta por 10 alunos, participou de dez encontros de duas horas, organizados de maneira semanal.

Cabe frisar que os encontros foram planejados com base nos Momentos Pedagógicos Dialógico-Problematizadores (DE BASTOS, ABEGG, MALLMANN, 2001). Dessa forma, inicialmente, procurava-se investigar o conhecimento prévio dos estudantes sobre o tema, a fim de envolvê-los no assunto. No segundo momento, os conhecimentos científicos e tecnológicos produzidos e disponíveis a respeito do tema, eram problematizados com os alunos, de forma a esclarecer as dúvidas identificadas no primeiro momento e enriquecer o conhecimento do aluno a respeito da temática.

Já num terceiro momento, era avaliada a aprendizagem dos conhecimentos abordados, colocando os discentes frente a situações-problema, com resolução de exercícios, aulas práticas e jogos educativos. Estas etapas, resultantes da formação do PEG, auxiliaram a compreender elementos complexos da organização pedagógica do docente, para além do conteúdo. As teorias relacionadas à Psicologia da Educação, Metodologia do Ensino e Políticas Públicas foram aliadas e conseguiram tecer uma rede de apoio para as escolhas docentes e o trabalho desenvolvido em sala de aula.

4 | RESULTADOS E DISCUSSÃO

O Estágio Supervisionado III teve todos os seus encontros, tanto no Curso Técnico em Administração como no Curso Livre de Gestão Administrativa, pautados na proposta de relacionar a teoria vista em aula com exercícios, atividades práticas e metodologias ativas. O propósito era que os alunos conseguissem estabelecer uma

relação entre o seu cotidiano e a exposição feita pelo professor. Assim, haveria uma aproximação entre os conteúdos estudados e a vivência e/ou experiência prévia do aluno.

Antes de iniciar sua prática docente, muitas são as dúvidas do professor em formação. Preocupações sobre a qualidade das aulas, didática, métodos de ensino, aplicações da teoria na realidade, dentre outras tantas, habitam a mente do docente iniciante. Durante o curso de formação de professores são tratados diversos aspectos relacionados ao ambiente escolar, porém, não é segredo que o processo de ensino-aprendizagem apresenta uma grande complexidade, não sendo possível o estabelecimento de fórmulas que garantam um ensino de qualidade. Sendo assim, é imprescindível que o professor realize um bom planejamento de suas aulas e, mais do que isso, esteja preparado para lidar com os imprevistos e desafios que possam surgir no dia a dia em sala de aula.

4.1 Experiência de estágio em uma instituição privada com foco em cursos livres

Pode-se dizer que o Estágio Supervisionado é um dos momentos mais importantes da formação docente, isso porque nele é possível verificar aspectos que apenas com a teoria não seria possível. A realidade é muito mais complexa do que se pode imaginar, então, ter a oportunidade de praticar a docência, contando com a supervisão de outros docentes, torna a experiência de estágio muito interessante.

Durante o Estágio Supervisionado III, no módulo de Gestão de Pessoas, do Curso de Gestão Administrativa, foi possível conhecer a realidade de uma pequena escola particular de ensino profissionalizante, com foco em cursos livres. Logo no início das atividades foi possível identificar alguns problemas que poderiam afetar a execução das aulas, como no caso da falta de computadores e de projetores nas salas de aula, e também, a baixa qualidade da apostila oferecida pela escola.

Os problemas encontrados serviram como incentivo para reflexões sobre a prática docente, pois, foi possível verificar no dia a dia de uma escola alguns dos obstáculos enfrentados pelos professores. Diante dos empecilhos encontrados foi necessário elaborar um plano de ensino condizente com a realidade escolar. Desta forma, foram planejadas atividades que envolvessem a participação dos alunos, troca de experiências, debates, dinâmicas de grupo, atividades práticas (individuais e em grupo) e leitura de materiais complementares à apostila.

Para suprir a falta de um material didático de qualidade foram elaborados novos materiais com o auxílio de ferramentas como o *Canva*, que permite criar *layouts* diferenciados e atrativos gratuitamente e do próprio Microsoft Word. Com o intuito de suprir as lacunas deixadas pela apostila oficial do curso foram disponibilizados aos alunos pequenos *e-books* com materiais complementares que poderiam auxiliar os estudantes a melhor compreender os temas abordados.

Para facilitar o acesso aos materiais e a conversa extra-sala de aula foram criados

grupos no *Facebook* e *Whatsapp* com o objetivo de aproximar os alunos e mantê-los engajados até o próximo encontro. Como a escola não disponibilizava um Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) estas ferramentas foram essenciais para que fosse possível o compartilhamento de conteúdos interessantes, como vídeos, notícias de jornais, opiniões e materiais elaborados pela própria professora. A ideia foi aprovada pelos alunos, pois, por se tratarem de redes sociais muito conhecidas, todos já tinham familiaridade e sabiam utilizá-las.

Com o objetivo de conhecer as expectativas dos alunos com relação ao curso e ao módulo de Gestão de Pessoas e, em cima disso, buscar preparar aulas que melhor se adequassem ao perfil da turma, foi solicitado, no primeiro dia de aula, que os discentes respondessem um pequeno questionário, onde buscou-se informações como a idade dos alunos, o motivo de estar fazendo o curso, o que esperavam aprender, quais suas atividades diárias (trabalho, estudo etc.) e quais os seus planos para o futuro. As informações obtidas auxiliaram muito no planejamento das aulas, isso porque foi possível verificar que a maior parte dos alunos da turma era de origem humilde e que buscavam com o curso um aperfeiçoamento para melhorar suas condições de vida. Dentre os alunos da turma haviam empregadas domésticas, cuidadoras de idosos, funcionários da construção civil, operadores de caixa e desempregados, sendo que a faixa etária da turma variava de 17 a 50 anos de idade.

Durante os encontros, foram abordados temas introdutórios sobre Gestão de Pessoas, noções sobre estruturas organizacionais, plano de cargos e salários, recrutamento e seleção, e treinamento e desenvolvimento. Acreditando na importância da troca de conhecimentos entre os próprios alunos e da valorização dos saberes discentes durante as aulas buscou-se envolver ao máximo os estudantes com as atividades, incentivando-os a expor para a turma suas opiniões, experiências profissionais e de vida. A troca de experiências entre a turma foi muito interessante uma vez que como grande parte dos alunos já esteve no mercado de trabalho, muitas experiências (boas e ruins) sobre Gestão de Pessoas foram compartilhadas com o grande grupo.

Além disso, foi adotada a estratégia de utilizar uma linguagem acessível durante as aulas, evitando a utilização excessiva de termos técnicos que pudessem dificultar a compreensão dos alunos. Este foi o primeiro contato da turma com a área administrativa, então, os termos específicos da área foram inseridos aos poucos, sempre com a devida explicação dos mesmos.

Com o intuito de aproximar os alunos da realidade empresarial foram realizadas atividades práticas, onde a professora apresentava aos alunos exemplos de boas ideias adotadas por empresas reais, para que, na sequência, fosse possível aplicar estas ideias em empresas fictícias, criadas pelos próprios estudantes. Nestes momentos, o aluno era incentivado a buscar conhecimentos extras, evitando limitar-se ao material fornecido pela professora. Como a grande maioria dos estudantes possuía *smartphone* e a escola disponibilizava internet *wi-fi*, a busca por materiais na *web*

tornou-se possível, contribuindo para a construção de novos saberes.

No que tange a organização das aulas, pode-se dizer que houve um esforço para que fossem levadas aos alunos atividades diferenciadas, como estudos de caso, análises de situações reais, debates e jogos educativos. Uma atividade que pode ser destacada pelo engajamento que gerou nos estudantes foi a aplicação de um *quizz* educativo online, onde a professora tinha possibilidade de criar perguntas sobre os conhecimentos trabalhados em sala de aula. Através de aplicativo no celular os alunos respondiam as questões e ganhavam pontos, sendo que, a própria ferramenta gerava estatísticas dos acertos e erros, além de rankings com os alunos que acumulavam mais pontos. Foi uma maneira divertida de aprender já que o jogo ajudou a retomar os conteúdos de uma forma leve e descontraída.

Todas as atividades foram planejadas visando à participação ativa dos estudantes. Contudo, conforme foi discutido várias vezes nas aulas do Programa de Formação de Professores, nem sempre os eventos saem conforme o planejado. Algumas atividades não funcionam bem em determinadas turmas e o professor precisa estar disposto a contornar a situação. Nesta turma, por se tratar de um grupo pequeno de alunos, quando alguns faltavam à aula, a turma participava menos, algumas dinâmicas já não funcionavam bem etc. Nestas situações foram necessárias adaptações e, em momentos assim, é imprescindível ouvir o que os alunos têm a dizer.

Uma situação interessante que ocorreu com a turma de Gestão Administrativa foi que, no primeiro dia de aula, foi possível notar uma certa desconfiança dos alunos de mais idade com relação a professora. Este, possivelmente, deve ser um problema frequente enfrentado por professores que ministram aulas em turmas com uma idade mais elevada que a sua. Nesta situação, em específico, foi necessário agir com cautela para, aos poucos, demonstrar aos alunos que a professora, apesar de mais jovem, poderia contribuir com a turma. Felizmente, esta situação logo foi superada, pois, com respeito e paciência a confiança dos alunos foi, aos poucos, sendo conquistada.

Um ponto interessante, e que pode ser considerado um resultado importante para esta prática docente, é que, após pouco mais de dois meses do início das aulas, alguns alunos já estavam conseguindo a recolocação profissional desejada. Nada é mais gratificante para um professor do que observar que seus alunos estão atingindo seus objetivos.

4.2 Experiência de estágio em uma instituição pública de ensino técnico

No caso do Curso Técnico em Administração estava muito ansiosa para o meu primeiro encontro com a turma, na expectativa de conhecê-los e ver como seria a nossa dinâmica de aula em termos práticos. Isso se deve ao fato de que o planejamento dos encontros e do conteúdo que seria trabalhado na minha parte da disciplina foi acordado previamente com a professora supervisora (a responsável pela cadeira no referido Curso). Dessa forma, muito dessa minha expectativa se justificava em razão

desse ponto, já que preparei as aulas e as respectivas atividades sem saber como eles iriam responder; que tipo de retorno teria dos alunos; qual seria a diferença entre o que pensei e como eles iriam responder ou não ao que foi planejado.

Mas, de modo geral, com pequenas adaptações, posso dizer que tanto neste como nos demais encontros com a turma tudo ocorreu dentro do previsto. Ou seja, não houve grandes alterações entre o que foi planejado previamente e o que conseguimos de fato realizar em sala. A turma se mostrou sempre muito receptiva e interessada com os itens discutidos. Acerca das atividades propostas, uma das tarefas remetia ao caso de um gestor que não queria que a remuneração dos seus colaboradores continuasse sendo algo apenas numérico, mas sim, que os motivasse a alcançar as metas e resultados na sua empresa.

Além disso, em outro encontro, foram apresentadas três questões aos discentes – com a devida contextualização – visando uma aproximação deles com a realidade das organizações no mercado, contemplando a questão das remunerações não-financeiras, o sistema de punições e a bonificação aplicada aos colaboradores em uma empresa. Neste momento, os estudantes foram desafiados a operacionalizar o conhecimento teórico com uma situação que poderá ocorrer no ambiente de trabalho.

Foi trazido, também, um breve relato para discussão em sala, abordando uma organização na qual o gerente precisava escolher um método para avaliação do desempenho da sua equipe de colaboradores. Tais tarefas visavam aguçar o senso crítico dos estudantes. Outro trabalho realizado referia-se ao caso de uma gerente de recursos humanos de uma companhia, que pretendia mostrar aos seus supervisores que os métodos tradicionais de avaliação do desempenho não possuíam somente aspectos obsoletos e negativos. A intenção era que os alunos conseguissem elencar pontos positivos das abordagens tradicionais de avaliação de desempenho, aliando com as novas abordagens que estão surgindo na área de Recursos Humanos.

Salienta-se que, no decorrer dos encontros, mesmo tendo interesse pelo item abordado, identifiquei que existia certo “medo” por parte de alguns alunos em se expor perante o grande grupo. Deste modo, fiz questão de tranquilizá-los e alertá-los da importância de aproveitar esse ambiente de sala perante os colegas e o professor para que se sentissem o mais vontade possível, de começar e recomeçar tantas vezes julgarem necessário. Da mesma forma, em se expor, falar abertamente, já que todos estavam lá não para julgar como certo ou errado, mas, aprendermos e crescermos com o outro. O que há são visões de mundo diferentes. Isso porque aqui o nosso papel seja como professor ou como colega é contribuir para a formação de cada um diferentemente do que vai ocorrer lá fora – no mercado – no caso da competição para ver quem vai ser o melhor. Sendo assim, esses pequenos “treinos” vão ser de grande valia para os momentos em que eles terão que se expressar, dentre outras situações, numa disputa por uma vaga de trabalho.

Ademais, dessas experiências vivenciadas em sala observei que o retorno dos alunos foi muito positivo, pois, em vários momentos houve manifestações de

satisfação dos estudantes em relação às dinâmicas da aulas, ou seja, da exposição da parte teórica, com exemplos, seguida da realização de tarefas referente aos conteúdos vistos. Este retorno positivo dos discentes é uma atitude recompensadora, uma espécie de “injeção de ânimo”, mostrando que valeu e vale à pena fazer um esforço para entregar o melhor em sala. Percebi ainda que, tal prática, fez com que eles ficassem mais atentos a aula, bem como se mostrassem mais participativos e envolvidos ao discutirmos algo que para eles fazia sentido, isso porque determinadas situações foram vivenciadas ou vistas por eles nas suas relações do cotidiano.

Outro item que se destaca no Curso Técnico em Administração e que contribuiu para que tal método tivesse um bom resultado diz respeito ao perfil da turma, por um lado, constatei que apesar de ser um curso de nível técnico muitos já tem outras profissões e atuam no mercado nas suas respectivas áreas de formação; e, por outro, há casos de alunos que estão buscando a sua primeira formação e na procura de estágios e experiências no mercado de trabalho. Logo, as trocas de vivências e situações presenciadas nos mais diversos contextos ampliaram a materialização do conteúdo debatido em sala (a relação teoria e prática se manifestando numa sala de aula).

Ressalta-se que este é um dos desafios que o docente precisa mediar, de um lado, a experiência e vivências daqueles que estão no Curso com vistas de um aperfeiçoamento profissional e, de outro, estudantes que acabaram de sair do ensino médio e estão cheios de expectativas e em busca das suas primeiras experiências no mercado de trabalho. Para tanto, o planejamento e as orientações auxiliaram a encontrar uma forma com que todos participassem a seu modo das discussões realizadas durante os encontros com a turma.

A experiência que fica é que a caminhada docente é repleta de desafios todos os dias em sala de aula: com situações que, por vezes, desanimam e em outras que nos motivam na jornada enquanto educador. A cada reconhecimento, a cada palavra positiva e retorno do que você fez mostra que vale a pena seguir em frente e é isso que nos move a continuar no caminho da docência. Dessa forma, acreditar sempre, fazer o melhor mesmo apesar de todas as dificuldades e querer ser melhor a cada dia: como professor, como pessoa e principalmente como ser humano acima de tudo.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Estágio Supervisionado III proporcionou a vivência de estar em sala de aula – agora como docentes, no contato direto com os alunos – onde se teve a oportunidade de experimentar situações reais, depois de tantas discussões em torno das muitas teorias e autores estudados ao longo do Programa Especial de Graduação de Formação de Professores para a Educação Profissional. Dessa forma, pode-se considerar tal momento como a “hora da verdade”, já que, ao estar em sala de aula, tornou-se

possível perceber como tudo se organiza em termos práticos, sendo possível observar que nem sempre o planejado realmente é posto em prática, e que cada aluno reage de uma maneira às atividades propostas.

Salienta-se que foram experiências muito enriquecedoras, com acertos e erros, onde em muitos momentos foram necessárias adaptações e superações. No papel de docente, ao mesmo tempo aprendendo e ensinando, em um constante processo de troca, onde o aprendizado é mútuo, foi possível construir saberes e adquirir boas experiências. Além disso, foi constatado o quão importante pode ser a construção de encontros que valorizem os conhecimentos prévios dos discentes. Esta prática reforça o interesse dos alunos e cria uma relação mais engrandecedora entre aluno e professor.

Outro ponto de destaque refere-se ao apoio dado pelos professores supervisores, do PEG e das escolas. Este suporte foi importantíssimo nesses primeiros contatos e vivências docentes, pois, para um indivíduo que, antes, era apenas aluno, é muito relevante ter o apoio de quem possui mais experiências e vivências na docência. Diante de uma turma alunos, sem dúvida, surgem muitas novidades para um professor em formação, que ainda tem muito a aprender e desenvolver-se. Com certeza, a base dada pelos supervisores auxiliou muito no aprimoramento das aulas.

Durante a realização deste estudo, ficou ainda mais clara a importância de uma boa formação para o professor de educação profissional, que precisa saber aliar as teorias aprendidas em seu curso de formação (técnico e docente) com a realidade encontrada em sala de aula. Além disso, verificou-se como é necessário que toda a comunidade escolar esteja envolvida em prol de uma educação de qualidade para nossos alunos. Os estudantes de hoje, serão, amanhã, os profissionais atuantes no mercado de trabalho. Isso traz muita responsabilidade para o docente, que precisa planejar com cuidado suas aulas, pensando sempre no objetivo que se deseja alcançar e deixando de lado o comodismo e as práticas obsoletas.

Claro que, o professor, sozinho, não consegue garantir uma boa educação. Vários são os fatores que precisam estar alinhados, tais como: a possibilidade de educação continuada, o envolvimento da comunidade, infraestrutura de qualidade e desenvolvimento de programas e políticas públicas eficientes. Em conjunto, será possível atingirmos, no futuro, o nível de educação desejável, com qualidade de ensino e participação de todos.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei Nº 9.394, de 20 de Dezembro de 1996**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/Ccivil_03/leis/L9394.htm>. Acesso em: 12 nov. 2017.

BRASIL. **Resolução nº 2, de 1º de julho de 2015**. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=17719-res-cne-cp-002-03072015&category_slug=julho-2015-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 09 nov. 2017.

- CASTRO, P. A. P. P.; TUCUNDUVA, C. C.; ARNS, E. M. A importância do planejamento das aulas para organização do trabalho do professor em sua prática docente. **Athena – Revista Científica de Educação**, v. 10, n. 10, p. 49-62, jan./jun. 2008.
- DASSOLER, O. B.; LIMA, D. M. S. A formação e a profissionalização docente: características, ousadia e saberes. In: SEMINÁRIO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DA REGIÃO SUL, 9., Caxias do Sul, 2012. **Anais...** Caxias do Sul: ANPEDSUL, 2012.
- DE BASTOS, F. P.; ABEGG, I.; MALLMANN, E. M. **Momentos pedagógicos dialógicos-problematizadores na educação científico-tecnológica**: sendo desafiado nas aulas. Santa Maria: UFSM, 2001.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- FUSARI, J. C. **O planejamento do trabalho pedagógico**: algumas indagações e tentativas de respostas. 2008. Disponível em: <http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias_08_p044-053_c.pdf>. Acesso em: 08 dez. 2016.
- GARIGLIO, J. A.; BURNIER, S. L. Os professores da educação profissional: saberes e práticas. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 44, n. 154, p. 934-959 out./dez. 2014.
- GONSALVES, E. P. **Conversas sobre iniciação à pesquisa científica**. 5. ed. Campinas: Alínea, 2011.
- GUEDES, S. T. R. A relação teoria e prática no estágio supervisionado. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 9., Paraná, 2009. **Anais...** Paraná: EDUCERE, 2009.
- LIBÂNEO, J. C. **Organização e gestão da escola**: teoria e prática. 5. ed. São Paulo: Editora Alternativa, 2004.
- LIMA, P.; G.; BARRETO, E. M. G.; LIMA, R. R. Formação docente: uma reflexão necessária. **Revista de Educação**, Cascavel, v. 2, n. 4, p. 91-101, jul./dez. 2007.
- MORAN, J. M. **A educação que desejamos**: novos desafios e como chegar lá. 2. ed. Campinas: Papyrus, 2007.
- PICONEZ, S. C. B. (Org.). **A prática de ensino e o estágio supervisionado**. 15. ed. Campinas: Papyrus, 2015.
- PILETTI, C. **Didática geral**. 23. ed. São Paulo: Editora Ática, 2001.
- PIMENTA, S. G.; GHEDIN, E. (Orgs.). **Professor reflexivo no Brasil**: gênese e crítica de um conceito. São Paulo: Cortez, 2002.
- PIMENTA, S. G.; LIMA, M. S. L. Estágio e docência: diferentes concepções. **Revista Poiesis**, v. 3, n. 3 e 4, p. 5-24, 2005/2006.
- PIZZINATTO, N. K.; FARAH, O. E. (Orgs.). **Pesquisa pura e aplicada para marketing**: processos e aplicações. São Paulo: Atlas, 2012.
- PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO – Programa Especial de Graduação de Formação de Professores para a Educação Profissional. **Projeto Pedagógico do Curso**. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, 2017.
- SILVA, M. da. **Complexidade da formação de professores**: saberes teóricos e saberes práticos. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

SOARES, S. R.; CUNHA, M. I. da. **Formação do professor**: a docência universitária em busca de legitimidade. Salvador: EDUFBA, 2010.

WIEBUSCH, A. Aprendizagem docente no ensino superior: desafios e enfrentamentos no trabalho pedagógico do professor iniciante. 2016. 182 f. **Dissertação** (Mestre em Administração) – Centro de Educação – Programa de Pós-Graduação em Educação – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2016.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-014-8

